



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAIBA  
CAMPUS I  
CENTRO DE EDUCAÇÃO  
CURSO DE LICENCIATURA EM GEOGRAFIA**

**HELAINÉ RIBEIRO DE LUCENA**

**A GEOGRAFIA E SUA IMPORTÂNCIA NO ENSINO FUNDAMENTAL I**

**CAMPINA GRANDE-PB**

**2012.1**

**HELAINÉ RIBEIRO DE LUCENA**

**A GEOGRAFIA E SUA IMPORTÂNCIA NO ENSINO FUNDAMENTAL I**

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura Plena em Geografia da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito para obtenção do Grau de Licenciada em Geografia.

Orientadora: Dr<sup>a</sup>. Joana d'Arc Araújo Ferreira

**CAMPINA GRANDE-PB**

**2012**

L935g            Lucena, Helaine Ribeiro de.  
                          A geografia e o ensino fundamental I [manuscrito]: /  
                          Helaine Ribeiro de Lucena. – 2012.  
                          56 f.: il.: color.

                          Digitado.  
                          Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em  
                          Geografia) – Universidade Estadual da Paraíba, Centro de  
                          Educação, 2012.  
                          “Orientação: Prof. Dr. Joana d'Arc Araújo Ferreira,  
                          Departamento de Geografia”.

                          1. Formação Docente 2. Ensino de Geografia 3.  
                          Relação Professor-aluno I. Título.

21. ed. CDD 371.12

**HELAINÉ RIBEIRO DE LUCENA**

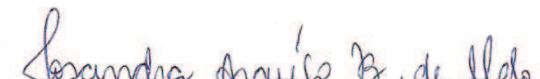
**A GEOGRAFIA E SUA IMPORTÂNCIA NO ENSINO FUNDAMENTAL I**

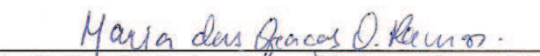
Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura  
Plena em Geografia da Universidade Estadual da  
Paraíba, como requisito para obtenção do Grau de  
Licenciada em Geografia.

Aprovada em 22 de junho de 2012.

**BANCA EXAMINADORA**

  
Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Joana d'Arc Araújo Ferreira/UEPB  
(Orientadora)

  
Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Josandra Araújo Barreto de Melo/UEPB  
(Examinadora)

  
Prof<sup>ª</sup>. Ms<sup>ª</sup>. Maria das Graças Ouriques Ramos/UEPB  
(Examinadora)

Campina Grande – PB,

Junho / 2012.

## DEDICATÓRIA

*À minha amada avó Helena (in memória),  
por ter me dedicado seus últimos anos de  
vida, cuidando, incentivando, apoiando e  
acreditando sempre na minha vitória. A  
minha mãe avó o meu obrigada.*

## **AGRADECIMENTOS**

A Deus por me dar forças para enfrentar todas as adversidades e por me deixar conquistar mais esta grande vitória.

A minha mãe-avó Helena, minha primeira professora, incentivadora e grande responsável por esta conquista.

A toda minha família que direta ou indiretamente me ajudaram a estar aqui em especial a minha tia Nininha, que desempenhou com todo o louvor o papel de mãe-amiga. Ao meu melhor e maior presente, meu filho Hênio que embora não tivesse conhecimento da importância deste trabalho, iluminou de maneira especial os meus pensamentos me levando a buscar esta conquista.

Aos meus amigos e companheiros de curso, em especial ao quarteto fantástico do qual pude fazer parte, minhas amigas Bruna, Danielle e Joirene.

A minha orientadora Joana d'Arc pela paciência na orientação e incentivo que tornaram possível a conclusão desta monografia.

A todos os professores do curso que foram tão importantes na minha vida acadêmica e no desenvolvimento desta monografia.

Agradeço a todos que ao longo desses anos fizeram parte de alguma forma da minha vida e desta conquista.

## RESUMO

Atualmente vem ocorrendo um intenso debate sobre a importância do ensino de Geografia na educação básica brasileira para a formação do cidadão. Nessa perspectiva o presente trabalho faz um estudo de caso sobre o ensino de Geografia na no nível fundamental I, tendo como universo pesquisado a Escola Municipal Manoel Francisco da Motta localizada em Campina Grande no bairro de Bodocongó. A partir de observações in loco na instituição, com relação a sua infraestrutura quanto ao trabalho pedagógico realizado pelos pedagogos que lecionam Geografia, foi possível verificar a importância da ciência, como também detectar as dificuldades que estes professores enfrentam em decorrência da sua formação não especializada. Para a realização da pesquisa, tomou-se como metodologia a aplicação de questionários para os discentes e entrevistas para os docentes do 4º ano do ensino fundamental I. A pesquisa teve como enfoque central: Analisar o interesse do alunado, a classificação das aulas, e se compreendem que a Geografia está presente no cotidiano. Em contrapartida observou-se a prática pedagógica do professor, seu grau de satisfação e sua graduação, se os componentes curriculares foram suficientes para trabalhar o ensino de Geografia, se fazem utilização de recursos didáticos e como compreendem a relevância que esta ciência possui para a formação de uma sociedade crítico-reflexiva.

**Palavras chaves:** Ensino de Geografia, Formação do pedagogo e Relação professor-aluno.

## **ABSTRACT**

Lately there has been an intense debate on the importance of teaching geography in Brazil's basic education regarding the making of citizens. With this purpose the present study makes a case study on the teaching of geography in early basic education, having the Public School Manoel Francisco da Motta located in the city of Campina Grande, district Bodocongó, as the universe researched. Starting with in loco observations in the institution, regarding its infrastructure and the pedagogical work done by educators who teach geography, it was possible to verify the importance of science, but also to detect the difficulties that these teachers face as a result of their non-specialized graduation. For the research, the methodology used was the application of questionnaires to students and interviews to the teachers of the 4th year classes. The research had as its central focus: To assess the interest of students, the rating of classes, and if they understand that geography is present in everyday life. In contrast it was observed the teacher's pedagogical practice, their degree of satisfaction and their graduation, if their classes were sufficient to work the teaching of geography, if they make use use of didactical resources and how they comprehend the relevance that this science has in the formation of a critical and reflective society.

**Key words:** Geography Teaching, Teacher training and Teacher-student.



## LISTA DE FIGURAS

Figura 1. Localização da Escola no Bairro de Bodocongó.....	26.
Figura2. Visão externa da Escola.....	27.
Figura3. Pátio, localizado na entrada da Escola.....	28.
Figura 4. Pátio Principal.....	28.
Figura 5. Auditório.....	29.
Figura 6. Biblioteca ou Sala de Leitura.....	29.
Figura 7. Biblioteca andante localizada na Sala de Leitura.....	30.
Figura 8. Sala de aula.....	30.
Figura 9. Sala de aula.....	31.

## LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1. Faixa etária dos alunos .....	33.
Gráfico 2. Nível de satisfação em relação a escola.....	34.
Gráfico 3. Quanto à disciplina favorita.....	35.
Gráfico 4. Interesse pela disciplina de Geografia.....	36.
Gráfico 5. Nível de satisfação em relação as aulas de Geografia.....	37.
Gráfico 6. A percepção do aluno referente à Geografia no seu cotidiano.....	38.

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO.....</b>	<b>12.</b>
<b>2 A EDUCAÇÃO E O ENSINO DE GEOGRAFIA: UMA CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA DA GEOGRAFIA BRASILEIRA.....</b>	<b>14.</b>
2.1 A Evolução da Geografia.....	14.
2.2 Conceitos e sistematização da ciência no Brasil.....	15.
2.3 O PCN e o seu grau de valor para o fundamental I.....	21.
<b>3 DIAGNOSTICANDO A ESCOLA: ESPAÇO, HISTÓRICO E INFRAESTRUTURA.....</b>	<b>26.</b>
3.1 Localização e Caracterização da escola.....	26.
<b>4 O ENSINO DE GEOGRAFIA E SUA IMPORTÂNCIA NO 4º ANO DO FUNDAMENTAL I NA ESCOLA MANOEL FRANCISCO DA MOTTA.....</b>	<b>32.</b>
4.1 Resultados e Discussões.....	32.
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>44.</b>
REFERÊNCIAS.....	45.
APÊNDICE I.....	47.
APÊNDICE II.....	48.
<b>ANEXOS.....</b>	<b>49.</b>

## 1 INTRODUÇÃO

É versado que a ciência geográfica possui grande responsabilidade na formação do senso crítico do cidadão, pois esta quando bem mediada, contribui efetivamente na construção de uma sociedade ciente de seus direitos e deveres.

Nessa perspectiva, considera-se que a Geografia é imprescindível na formação inicial dos discentes, por entendermos esta importância o presente trabalho se propõe a realizar um estudo de caso na Escola Municipal Manoel Francisco da Motta. A questão principal foi analisar a prática pedagógica do professor, visto que nas séries iniciais o pedagogo leciona todas as disciplinas, e não possui especificidade e verificar como está o nível de compreensão dos alunos com relação o ensino de Geografia.

Desta forma, o 4º ano do Ensino Fundamental I foi escolhido para realizar esta análise. Assim, foram selecionados vinte seis discentes, ou seja, treze de cada turma, e dois docentes cada qual responsável por uma turma, visto que a escola apresenta dois 4º anos no turno da tarde.

Estas observações ocorreram nos meses de maio e junho do ano de 2011. Esta pesquisa iniciou-se com uma revisão bibliográfica, como também a pesquisa de campo, com observações in loco, aplicação de questionários com os discentes e entrevistas com os docentes. O método principal trabalhado na pesquisa foi o fenomenológico, visto que percebe a realidade com múltiplas contemplações, ou seja, existem diversas maneiras para se compreender os fatos verificados.

O presente estudo está organizado do seguinte maneira: no primeiro capítulo, se faz uma contextualização histórica da Geografia brasileira, observando a sua evolução através dos séculos e dos autores, como também se verificou a sua sistematização como ciência no Brasil, além de analisar os PCN's como suporte para o ensino da disciplina. No segundo capítulo, apresenta-se um diagnóstico da escola, quanto ao seu espaço, histórico e infraestrutura. Já no terceiro e último capítulo, tem-se um estudo de caso sobre a Geografia nas séries iniciais, onde foi analisado o interesse do aluno, como classificam as aulas, se compreendem que a Geografia está presente em seu cotidiano. Em contrapartida, observou-se a prática pedagógica do professor, sua satisfação quanto a sua graduação, se os componentes curriculares foram suficientes para trabalhar o ensino de Geografia, se

fazem utilização de recursos didáticos e, por fim, como compreendem a relevância que esta ciência possui para a formação de uma sociedade crítico-reflexiva.

## **2 A EDUCAÇÃO E O ENSINO DE GEOGRAFIA: UMA CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA DA GEOGRAFIA BRASILEIRA**

### **2.1 A evolução da Geografia**

Partindo da responsabilidade que o ensino de Geografia tem na formação de cidadãos críticos, percebe-se a necessidade de realizar reflexões a respeito da educação brasileira e de todo o processo que a Geografia sofreu para se estabelecer como ciência, pois sabe-se que os motivos sociais, políticos e econômicos são diretamente influenciáveis neste processo de institucionalização da educação como também da Geografia. Sobre este processo Cavalcanti afirma que:

A formação de professores de Geografia, na concepção de profissional crítico-reflexivo, deve ser uma formação consistente contínua, que procure desenvolver uma relação dialética ensino-pesquisa, teoria-prática. Trata-se de uma formação crítica e aberta a possibilidade da discussão sobre o papel da Geografia na formação geral dos cidadãos, sobre as diferentes concepções de ciência geográfica, sobre o papel pedagógico escolar. (CAVALCANTI, 2002, p.21)

Diante deste contexto de multífaces que a educação se encontra, ou seja, num espaço cheio de diversidades culturais como aqui no Brasil, cada grupo social expõe suas opiniões sobre o processo educacional, desde as dificuldades enfrentadas até as sugestões de como é possível alcançar melhores condições na formação do indivíduo.

Para aqueles que não fazem uma análise mais complexa, a culpa da educação está ou na falta de compromisso do professor, do aluno ou mesmo da instituição e do Estado que não usam devidamente os recursos para uma melhor formação educacional. Porém, observa-se que não existem simples culpados, existe sim todo um histórico de educação e formação baseadas na submissão, desde a colonização do país até os dias atuais, mesmo porque se fazem ainda presentes nas salas de aulas educadores alienados com o novo modo de educação pretendida e, ao mesmo tempo, vigente no Brasil.

É sabido que a busca pela melhoria da qualidade da educação deve estar presente cotidianamente na vida dos professores, entretanto observa-se que no cenário nacional a educação vive dicotomias quanto ao que se propõem na teoria e o que se vivencia na prática. Desta forma, a geografia como todo o seguimento

educacional sofreu com as sérias intervenções do estado, desde o processo de colonização até a democratização do Brasil. Para entender o processo de institucionalização que a Geografia passou para se firmar como ciência, é preciso explicar brevemente a sua contextualização histórica mundial.

Foi um caminho árduo o qual a Geografia percorreu para se institucionalizar como ciência, já que durante muito tempo foi tido como um conhecimento meramente mnemônico, mas no século XIX a Alemanha com estudos e trabalhos desenvolvidos por Alexander von Humboldt e Karl Ritter conseguiram firmar esses conhecimentos relacionados as paisagens e a regionalização como ciência. Mesmo com todo o empenho destes pesquisadores, a Geografia demorou a ser aceita nas universidades, continuou sendo propagada apenas no ensino secundário com o objetivo de informar as várias áreas que o globo terrestre possui, além de nomenclaturar montanhas, rios e outras paisagens naturais. Além da Escola Alemã, destacaram-se também a Escola Francesa e a Escola Britânica.

A França, após perder a guerra para a Alemanha, passou a se preocupar com a educação, reorganizou o ensino, dando ênfase para Geografia e História. Destacaram-se pela Escola Francesa, Vidal de laBlache e Emanuel de Martonne, a principal característica desta Escola foi o possibilismo e o estudo regional.

Já a Escola Britânica, valorizou os estudos regionais e a geopolítica, destacaram-se nesta Escola, Mackinder com suas concepções políticas deterministas e Dudley Stamp com uma geografia pragmática, usando o estudo regional, porém com uma escala maior, ou seja, uma escala nacional.

Deste modo observa-se que o reconhecimento das produções geográficas levou séculos para serem reconhecidos como trabalhos científicos e de extremo respaldo, e que a institucionalização da Geografia como ciência perpassou séculos.

## **2.2 Conceitos e sistematização da ciência no Brasil**

No Brasil, não foi diferente o ensino da Geografia, passou por turbulentos períodos, inclusive nos mais de duzentos anos em que os Jesuítas foram responsáveis pela educação, porque todas as informações presentes eram extremamente superficiais, pois pouco se conhecia da Geografia brasileira e o real intuito desta educação, era religiosa e escravagista porque para os dominadores não seria viável formar indivíduos pensantes.

Outro ponto relevante é que o conhecimento era transmitido de acordo com as classes sociais, as quais os indivíduos pertenciam, e tinham teor extremamente filosófico. O Estado, por sua vez, não demonstrava interesse nem importância para que os conhecimentos geográficos fossem mais afins, o que tornou cada vez mais a geografia como um conhecimento aparentemente desnecessário. Os temas estudados como sendo geográficos tinham como origem as grandes obras clássicas que conseqüentemente, limitavam-se apenas as descrições da natureza. De acordo com esse contexto, Rocha diz que:

[...] neste período, ficou estabelecida a distinção entre “geografia dos professores” e “geografia dos estados maiores”. O curioso é que eram os próprios jesuítas responsáveis pela produção de ambas vertentes da geografia, haja vista serem os controladores do sistema escolar vigente e os maiores responsáveis pela produção de conhecimentos geográficos acerca do território da Colônia portuguesa na América. (ROCHA, 2000, p.130).

Ao longo das décadas, a Geografia teve que provar a sua importância enquanto ciência, e um dos pioneiros nesta árdua labuta aqui no Brasil foi o francês Carlos Miguel Delgado de Carvalho, filho de pai brasileiro, que estava a serviço da coroa na Europa. O mesmo aportou no Brasil nas primeiras décadas do século XX, com o objetivo de escrever sua tese para completar, assim sua formação acadêmica. Carvalho era formado em Direito, e bastante ligado as ciências políticas, o que despertou seu interesse pela ciência geográfica. Sabendo do real valor que a Geografia tem, escreveu, em 1925, a obra intitulada de Metodologia do Ensino Geographico. Neste livro, o mesmo criticou o modelo de ensino que é repassado aos estudantes de Geografia, ou seja, um ensino meramente mnemotécnico. Diante da discussão, Delgado criticou o modo como a Geografia é rotulada:

O erro é antigo, é herdado de geração em geração: existe uma infundada tradição que quer que sejam preparadas antes de tudo as matérias fáceis, e a geographia é considerada como a mais fácil de todas porque, na opinião corrente, tradicional e errada, ainda é apenas questão de memória. (CARVALHO, 1925, p.16 apud ROCHA, 2000, p.90)

O que Carvalho demonstra é que para libertar os homens dos atrasos tecnológicos e das desigualdades sociais, econômicas e culturais a educação é o único e real caminho. Para tanto, é preciso que haja mudanças não só na Geografia,



mas na educação como um todo. Porque toda educação, distante da realidade do aluno é apenas um acúmulo de informações desnecessárias.

Observou-se ainda que a primeira obra de cunho geográfico brasileiro foi a *Chorographia Brasilica* de Padre Manuel Aires de Casal, publicada em 1817. Segundo Prado Junior (1961), este livro é bastante enciclopédico, descritivo e superficial.

Entretanto esta obra, mesmo desprovida de questionamentos críticos, foi a maior influência geográfica para os estudiosos brasileiros, como também para outros autores de livros de Geografia, por mais de meio século. A *Chorographia Brasilica* é riquíssima em descrições exageradas das paisagens, dispõe ainda do uso excessivo de nomenclaturas. Logo, as descrições continuaram sendo excessivamente vistas como um estudo de cunho geográfico, resultado pelo qual as discussões críticas e reflexivas tornaram-se ausentes na formação da Geografia brasileira. Todo este processo consistiu numa geografia metódica e restrita apenas a catalogações.

Ainda convém informar que o ensino desta disciplina era ministrado por profissionais de outras áreas, como advogados, sacerdotes, autoditadas ou, simplesmente, profissionais em início de carreira que exerciam o magistério até encontrar o sucesso nas devidas profissões de origem. O magistério era visto como algo simples, qualquer indivíduo poderia ser professor desde que conseguisse expor o assunto para seus alunos e os mesmos, anotassem e decorassem.

Mesmo a Geografia não integrando os conteúdos das escolas primárias no período imperial, estava sempre presente, mesmo que indiretamente, por meio da história do Brasil, cujos textos faziam descrições do território. Entretanto, ela ganhou respaldo como disciplina escolar quando passou a integrar o currículo do Colégio Pedro II, que foi fundado 1837 no Rio de Janeiro pelo governo do império, e tinha influência curricular oriunda da França, portanto sobressaiam os estudos literários, por vez a Geografia e a História integraram-se ao currículo, porque passaram a fazer parte das avaliações da faculdade de Direito. Vlach considera que:

A presença do ensino de geografia na distribuição das disciplinas que compõem a estrutura curricular do Colégio Pedro II é extremamente importante, na medida em que essa escola foi fundada tendo em vista a definição de um padrão do e para ensino secundário em todo o país. No fundo, esse objetivo não foi atendido, pois o ensino secundário era apenas um trampolim para o acesso aos cursos superiores. Geografia (e história) fazia(m) parte dos exames para as faculdades de direito desde 1831, o que certamente contribuiu para sua inclusão no Colégio Pedro II. (VLACH, 2004, p.189-190)

De um modo geral observou-se, que o método educacional brasileiro esteve baseado na Educação Tradicional, pois era concebida por um processo de alienamento pessoal e individual, que reproduzia valores e culturas das sociedades escravagistas da Idade Antiga. Todas as informações eram repassadas e transmitidas como verdade única e incontestável, os conhecimentos eram transmitidos apenas pela figura do professor, no método de aulas expositivas, onde o mesmo agia como agente e figura central da aula e do conhecimento; o aluno por sua vez, deveria ouvir e assimilar o conteúdo em silêncio, não o questionando, já que o professor era visto como o “dono” da informação. Esse método educacional autoritário, e pouco reflexivo foi extremamente criticado. Segundo Rocha (2000), em 1925 no Brasil, houve A Reforma Luiz Alves Rocha Vaz que, dentre as diversas transformações no processo educacional, pode-se destacar a implantação do curso secundário para seis anos.

Essa reforma teve uma grande importância na educação brasileira, e em especial para a geografia escolar, pois representou uma grande vitória para os educadores que se empenhavam em fazer uso, tanto de uma geografia moderna como também oficializá-la nos currículos escolares brasileiros.

Contudo, é perceptível que não só esta reforma foi suficiente para que a geografia fosse vista como uma ciência crítica e reflexiva, com responsabilidade em formar cidadãos preparados, que tivessem como objetivo real, discutir e discernir assuntos relevantes para sua formação social, econômica, política e acadêmica. O Estado não se preocupava em implantar uma educação libertadora, nem ao menos formar cidadãos pensantes, por isso o ensino desta ciência limitava-se apenas em descrições paisagísticas e no excesso de nomenclaturas, ou seja, a Geografia descritiva. A gênese da disciplina de Geografia no Brasil, por assim dizer, foi dicotomizada entre o que era de interesse do Estado e das elites dominantes e o que deveria ser visto nas escolas, inutilmente, pelos alunos, pois o que importava para o Estado era desenvolver o nacionalismo patriótico e não indivíduos com senso crítico.

Com este propósito patriótico, a geografia começou a ter maior importância para o Estado. A partir do grande crescimento industrial brasileiro, após a crise cafeeira, o governo Vargas em 1930 viu a necessidade de se ensinar a nova “massa” urbana a viver numa sociedade capitalista. Dessa forma, a educação

embasada no pensamento geográfico, desenvolver na população o espírito nacionalista e patriótico. Foi neste contexto temporal que a Geografia ganhou destaque. Em 1934 foi criado o primeiro curso Superior de Geografia, na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, os professores contratados para ministrar as aulas eram em sua maioria europeus, o curso tinha como objetivo formar profissionais aptos para trabalhar com essa disciplina no ensino básico brasileiro.

Mesmo sendo criada com fins e objetivos específicos, a contribuição desse curso é inquestionável, ao levar-se em conta a sua participação na difusão de uma ciência geográfica de orientação moderna, que seria aplicada no ensino secundário.

Em relação a este processo, Rocha (2000), diz que em, 1936 surgiram os primeiros licenciados formados nessas novas faculdades, os mesmos iriam exercer suas atividades no ensino secundário, esse momento foi de extrema relevância para a Geografia, pois foram estes docentes brasileiros que, pela primeira vez, tiveram uma formação concebida e centrada numa concepção científica, assim como numa pedagogia renovadora.

Com o estabelecimento da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, os cursos de licenciatura em Geografia passaram a cumprir um currículo obrigatório estabelecido nacionalmente, esta regulamentação passou a ser Resolução em 19 de dezembro de 1962, a mesma previa que o curso passaria a ter quatro anos de duração e um currículo que abordasse conteúdos mínimos, porém necessários para formação do professor de Geografia.

Com a ocorrência da Ditadura Militar, o ensino de Geografia passou a ser comprometida, pois os militares substituíram as Licenciaturas Plenas de História e Geografia, para uma única formação, a de Estudos Sociais, os mesmos defendiam que a união de ambas as ciências, resultaria numa integração dos conhecimentos e conceitos. Essa política educacional, promovida pelos militares, desencadeou uma precária formação dos professores, porque desprestigiou a História e a Geografia, além de diminuir consideravelmente a carga horária para a formação desses docentes. Percebe-se, assim, que os alunos do antigo primário sofreram com a depreciação dessas ciências, e que o nível crítico destes ficou veementemente comprometido.

Contudo, quem saiu lucrando com esta inserção das Licenciaturas Curtas foram as instituições privadas, que conseqüentemente, fecharam as Licenciaturas

Plenas em Geografia e adotaram os cursos de Licenciatura em Estudos Sociais, para estas instituições o que deveria prevalecer era a lucratividade, o conhecimento, por sua vez, estava colocado em último plano.

Rocha (2000) comenta que este processo não conseguiu solidificar-se, pois houve pressões de diversas entidades, como estudantes, professores dentre outras entidades. Deste modo, os cursos curtos pouco a pouco foram extintos, mas as seqüelas deixadas ainda permeiam as escolas brasileiras.

Essa política educacional implantada no período militar ganhou força mesmo depois da saída destes do poder, com a adoção das idéias neoliberais pelos governadores eleitos democraticamente.

Dentro desta visão delimitada, surgiu uma convicção entre alunos, pais e até por alguns próprios educadores que a escola particular é quem disponibiliza qualidade no ensino. E, nessa perspectiva, se encaixa as aulas de Geografia dadas por professores que, em sua maioria, tiveram formação de má qualidade devido a todos os motivos até agora citados. Esse contexto reflete na prática pedagógica dos professores em sala de aula desestimulando os alunos em relação aos conteúdos da Geografia.

O que se observou é que, mesmo com o advento da Geografia Crítica em 1970, o nível de reflexão não pôde ser ampliado, pois o Brasil estava passando por grandes restrições devido a ditadura militar.

Sendo assim, a Geografia Crítica difundia-se pelo mundo, mas no Brasil continuava-se perpetuando um ensino voltado exclusivamente para memorização, já que o Estado não tinha nenhum objetivo de formar cidadãos críticos pensantes, mas sim, formar pessoas com grande devoção ao seu país e, preferencialmente, alienadas.

Todos os fatos históricos relatados são importantes para que se perceba a real dificuldade que a Geografia sofreu e sofre para se firmar como uma ciência primária. Já que a mesma em nada combina com o decorativo, pois está sempre trabalhando com assuntos dinâmicos e constantemente atualizados. Neste sentido, Oliveira, comenta que:

Em outros termos, conhecimento a ser alcançado no ensino, na perspectiva de uma geografia crítica, não se localiza no professor ou na ciência a ser “ensinada” ou vulgarizada, e sim no real, no meio onde aluno e professor estão situados e é fruto da práxis coletiva dos grupos sócias. Integrar o educando no meio significa deixá-lo descobrir que pode tornar-se sujeito na história. (OLIVEIRA, 1991 p.37)

A Geografia é um campo de conhecimento de múltiplas ramificações, seu processo de ensino aprendizagem envolve diversas ciências, e pode está inserida nas mais diferentes áreas do conhecimento. Por isso, limitar esta ciência é limitar o cidadão de pensar criticamente.

### **2.3 Os Parâmetros Curriculares Nacionais e o seu grau de valor para o fundamental I**

Devido à grande expansão territorial que o Brasil possui, as desigualdades aqui existentes afetam diretamente a educação. Estados, Municípios e escolas sempre fizeram utilização dos diferentes tipos de pedagogias para compor seus Projetos Pedagógicos. O Governo Federal, percebendo essas inúmeras diferenças e particularidades, desenvolveram um projeto no qual seria um divisor de águas, pois o Brasil passaria a se utilizar de um método único que serviria como base para o desenvolvimento de todos os currículos escolares até então existentes. Com este objetivo surgem os Parâmetros Curriculares Nacionais.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais são originários da Espanha e foram implantados aqui no Brasil no governo de Fernando Henrique Cardoso. Em 1995, surgiu o então texto preliminar, mas só em 1997 o texto original foi publicado pelo Ministério da Educação, demarcando a real finalidade para qual o documento foi criado.

Os PCN's são classificados como referências de qualidade para a educação no Ensino Fundamental e Médio em todo o Brasil, pois é um norteador, mas cada escola deve montar a sua individual proposta pedagógica, adaptando os conteúdos as próprias realidades sócias do espaço em que vivem. MEC, em dedicatória aos professores demonstra que:

[...] o propósito do Ministério da Educação e do Desporto ao consolidar os Parâmetros, é apontar metas de qualidade que ajudem o aluno a enfrentar o mundo atual como cidadão participativo, reflexivo e autônomo, conhecedor de seus direitos e deveres [...] os Parâmetros [...]. Foram elaboradas de modo a servir de referencial [...], respeitando a sua concepção pedagógica própria e a pluralidade cultural brasileira. [...] podendo ser adaptada à realidade de cada região. (BRASIL. MEC, 1997)

Outra modificação que os PCN's promoveram foi trabalhar em torno de ciclos e não mais de séries, reformulando, assim, as disciplinas através de eixos temáticos e da utilização dos temas transversais. Então destaca-se que as orientações propostas tiveram como preocupação fundamental a formação social e cidadã dos alunos, visto que o ensino deve ser dinâmico e transversal e que o professor, neste novo modelo educacional não é o detentor exclusivo do conhecimento. Por isso que, além dos PCN's, os Temas Transversais tornam-se de grande valia para a formação dos alunos.

Os Temas Transversais tem uma grande responsabilidade na formação integral do aluno, e o que se observa é que a Geografia é uma das grandes responsáveis pela difusão dos Temas Transversais, pois esta ciência trabalha com uma gama diversa de assuntos, desde o meio ambiente até a formação ética da sociedade. Portanto, a Geografia como componente curricular tradicional torna-se significativa, pois é através dela que os alunos conseguem exercitar uma leitura do mundo, daí a importância desta ciência no processo de alfabetização. O PCN deixa objetivamente claro que: "Essa nova perspectiva considera que não basta explicar o mundo, é preciso transformá-lo. Assim, a Geografia ganha conteúdos políticos que são significativos na formação do cidadão". (BRASIL. MEC, 1997, p.72)

O que os Parâmetros Curriculares Nacionais propõem é que, através deste currículo único, os assuntos prioritários e fundamentais de cada componente não sejam abandonados por temas de modismo, como acontece atualmente em especial com a Geografia, devido a sua ligação direta com estudos atuais. Para que não haja confusão e indefinição, os PCN's se apresentam como um grande parceiro para o norteamento das disciplinas e da Geografia, que é uma ciência que está em constante mudança. A respeito de a Geografia permear outras ciências e não estabelecer limites, e com isso perder o foco nos seus conteúdos fundamentais, o PCN afirma que:

Segundo a análise feita pela Fundação Carlos Chagas, observa-se, sobretudo nas propostas curriculares produzidas nas últimas décadas, que o ensino de Geografia apresenta problemas tanto de ordem epistemológica e de pressupostos teóricos como outros referentes à escolha dos conteúdos. (BRASIL. op.cit p.73).

Diante dessa problemática, os PCN's relacionados à Geografia definem o que é de real valor para ser estudado e compreendido pelos professores e alunos do

fundamental I, os quais estão divididos em dois ciclos. Para cada ciclo os assuntos abordados estarão relacionados à sua faixa etária e ao que se espera do seu desenvolvimento. Ao longo dos nove anos que o ensino fundamental abrange, espera-se que os alunos sejam capazes de:

- Conhecer a organização do espaço geográfico e o funcionamento da natureza em suas múltiplas relações, de modo a compreender o papel das sociedades em sua construção e na produção do território, da paisagem e do lugar;
- Identificar e avaliar as ações dos homens em sociedade e suas conseqüências em diferentes espaços e tempos, de modo a construir referenciais que possibilitem uma participação propositiva e reativa nas questões socioambientais locais;
- Compreender a espacialidade e temporalidade dos fenômenos geográficos estudados em suas dinâmicas e interações;
- Compreender que as melhorias nas condições de vida, os direitos políticos, os avanços técnicos e tecnológicos e as transformações socioculturais são conquistas decorrentes de conflitos e acordos, que ainda não são usufruídas por todos os seres humanos e, dentro de suas possibilidades, empenhar-se em democratizá-las;
- Conhecer e saber utilizar procedimentos de pesquisa da Geografia para compreender o espaço, a paisagem, o território e o lugar, seus processos de construção, identificando suas relações, problemas e contradições;
- Fazer leituras de imagens, de dados e de documentos de diferentes fontes de informação, de modo a interpretar, analisar e relacionar informações sobre o espaço geográfico e as diferentes paisagens;
- Saber utilizar a linguagem cartográfica para obter informações e representar a espacialidade dos fenômenos geográficos;
- Valorizar o patrimônio sociocultural e respeitar a sociodiversidade, reconhecendo-a como um direito dos povos e indivíduos e um elemento de fortalecimento da democracia. (BRASIL, op.cit, p.81).

Na finalidade de que os alunos alcancem os objetivos propostos, os PCN's abordam critérios de seleção e organização dos conteúdos de Geografia, ou seja, delimitam o que é relevante para a formação social, educacional e cidadã deste aluno. Esses critérios são divididos e agrupados em dois ciclos, em cada ciclo o ensino e a aprendizagem são discutidos, questionadas e espera-se um resultado positivo para ambos.

No primeiro ciclo, fica proposto o estudo da natureza e sua relação com as ações dos indivíduos. Para isso, o professor deverá fundamentar seu trabalho na sua realidade, levando em conta sua paisagem local e como esse espaço foi e é habitado. Como resultado deste trabalho, espera-se que, ao final do primeiro ciclo, os alunos sejam capazes de:



- Reconhecer, na paisagem local e no lugar em que se encontram inseridos, as diferentes manifestações da natureza e a apropriação e transformação dela pela ação de sua coletividade, de seu grupo social;
- Conhecer e comparar a presença da natureza, expressa na paisagem local, com as manifestações da natureza presentes em outras paisagens;
- Reconhecer semelhanças e diferenças nos modos que diferentes grupos sociais se apropriam da natureza e a transformam, identificando suas determinações nas relações de trabalho, nos hábitos cotidianos, nas formas de se expressar e no lazer;
- Conhecer e começar a utilizar fontes de informação escritas e imagéticas utilizando, para tanto, alguns procedimentos básicos;
- Saber utilizar a observação e a descrição na leitura direta ou indireta da paisagem, sobretudo por meio de ilustrações e da linguagem oral;
- Reconhecer, no seu cotidiano, os referenciais espaciais de localização, orientação e distância de modo a deslocar-se com autonomia e representar os lugares onde vivem e se relacionam;
- Reconhecer a importância de uma atitude responsável de cuidado com o meio em que vivem, evitando o desperdício e percebendo os cuidados que se deve ter na preservação e na manutenção da natureza. (BRASIL, op.cit, p.89).

Com estes objetivos alcançados, os alunos encontram-se aptos para enfrentar novos desafios. Reconhecendo essas aptidões professores começam a desempenhar o ensino e aprendizagem do segundo ciclo, que tem como principal objetivo construir o conhecimento das paisagens urbanas e rurais, destacando suas diferenças sociais, culturais, espaciais tecnológicas e de como cada uma se desenvolveu ao longo do tempo. Ao final do segundo ciclo, o aluno deve estar pronto para:

- Reconhecer e comparar o papel da sociedade e da natureza na construção de diferentes paisagens urbanas e rurais brasileiras;
- Reconhecer semelhanças e diferenças entre os modos de vida das cidades e do campo, relativas ao trabalho, às construções e moradias, aos hábitos cotidianos, às expressões de lazer e de cultura;
- Reconhecer, no lugar no qual se encontram inseridos, as relações existentes entre o mundo urbano e o mundo rural, bem como as relações que sua coletividade estabelece com coletividades de outros lugares e regiões, focando tanto o presente e como o passado;
- Conhecer e compreender algumas das conseqüências das transformações da natureza causadas pelas ações humanas, presentes na paisagem local e em paisagens urbanas e rurais;
- Reconhecer o papel das tecnologias, da informação, da comunicação e dos transportes na configuração de paisagens urbanas e rurais e na estruturação da vida em sociedade;
- Saber utilizar os procedimentos básicos de observação, descrição, registro, comparação, análise e síntese na coleta e tratamento da informação, seja mediante fontes escritas ou imagéticas;
- Utilizar a linguagem cartográfica para representar e interpretar informações em linguagem cartográfica, observando a necessidade de indicações de direção, distância, orientação e proporção para garantir a legibilidade da informação;
- Valorizar o uso refletido da técnica e da tecnologia em prol da preservação e conservação do meio ambiente e da manutenção da qualidade de vida;



- Adotar uma atitude responsável em relação ao meio ambiente, reivindicando, quando possível, o direito de todos a uma vida plena num ambiente preservado e saudável;
- Conhecer e valorizar os modos de vida de diferentes grupos sociais, como se relacionam e constituem o espaço e a paisagem no qual se encontram inseridos. (BRASIL, op.cit, p.95 e 96).

Ao final do segundo ciclo, o aluno terá consciência do poder de observação que ele tem sobre a paisagem e a sociedade, e o quanto é relevante conhecer a sua realidade e o seu local, porque desta forma ele parte do particular para o geral. Essa forma de aprendizagem faz com que o aluno entenda que o seu dia-a-dia. Está correlacionado com todas as mudanças existentes no Planeta, seja ela de ordem, social ou ambiental.

### 3 DIAGNOSTICANDO A ESCOLA: ESPAÇO, HISTÓRICO E INFRAESTRUTURA.

Para a realização deste trabalho, foi escolhida uma escola da rede pública Escola Municipal Manoel Francisco da Motta, situada na cidade de Campina Grande. Deste modo realizou-se uma investigação, tanto da sua história, infraestrutura e quanto ao modo de como a Geografia é disseminada no âmbito do ensino fundamental I nessa instituição. Sendo assim foram realizadas observações na escola, e para uma análise aplicaram-se questionários (Apêndice I) com 26 alunos distribuídos em duas salas do 4º ano fundamental, e entrevistas (Apêndice II) com 2 professoras, do turno tarde.

#### 3.1 Localização e Caracterização da Escola

A Escola Municipal Manoel Francisco da Motta, está localizada no município de Campina Grande-PB no bairro de Bodocongó, na Rua Antônio Vieira da Rocha, nº335, como pode ser observada a localização na Figura 1e na Figura 2 que apresenta a fachada da escola.

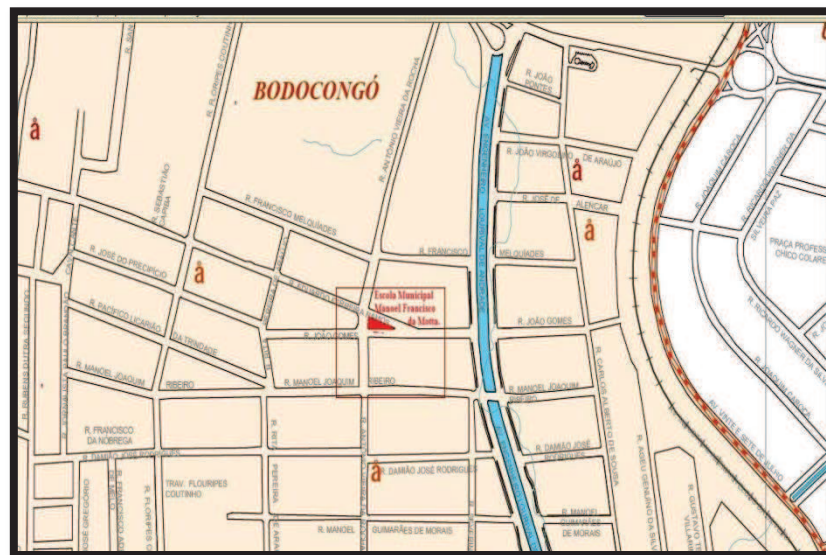


Figura 1. Localização da Escola no Bairro de Bodocongó, Campina Grande - PB. Fontes PMCG: SEPLAN/ 2007. Adaptado por Helaine Ribeiro de Lucena, 2012.



Figura 2: Visão externa da escola  
Foto: Helaine Ribeiro de Lucena, junho de 2011.

Foi fundada em Maio de 1963, sob a tutela do Conselho Regional de Ensino que na época era composto por: Agostinho Velloso da Silveira então presidente, Clóvis Matos Sá, José Carlos da Silva Júnior, Demerval Sobral, Francisco Alves Pereira e Geraldo Ribeiro Dias. Na ocasião, a escola foi inicialmente chamada de Grupo Escolar Manoel Francisco da Motta e era uma instituição da rede de ensino SESI (Serviço Social da Indústria).

O espaço físico da escola quando inaugurado era formado por 10 (dez) salas de aula, 02 (duas) diretorias, 01 (um) pátio, banheiros, 01 (uma) cantina e 01(um) espaço pedagógico. Durante 29 anos, a escola destinou-se basicamente a formação de alunos do 1º ao 5º ano do fundamental I. Naquela época, eram admitidos somente filhos de industriários e seu funcionamento acontecia permanentemente durante o período diurno.

No ano de 1991, a escola implantou o funcionamento noturno, abrigando assim o programa de supletivo para a formação educacional de jovens e adultos, ou seja, Telecurso 2000 com parceria dos sistemas FIEP (Fundação das Indústrias do estado da Paraíba), SENAI (Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial), IEL (Instituto Euvaldo Lodi) e CNI (Confederação nacional da Indústria).

A partir de 2004, o SESI em parceria com a Prefeitura Municipal de Campina Grande começa a prestar serviços para a mesma, e a escola passou a ser

administrada pela Prefeitura Municipal de Campina Grande e, conseqüentemente, deixou de ser Grupo Escolar e passou a ser chamada de Escola Municipal.

Atualmente, a estrutura física da escola conta com 14 salas, sendo divididas em: diretoria, cantina, almoxarifado, sala de leitura TV/VÍDEO (Figura 6 e 7), sala de reforço e salas de aulas (Figura 8 e 9), conta também com 15 banheiros, um auditório (Figura 5) e dois grandes espaços ao ar livre (Figura, 3 e 4).



Figura 3. Pátio, localizado na entrada da escola.  
Foto: Helaine Ribeiro de Lucena, junho de 2011.



Figura 4. Pátio Principal.  
Foto: Helaine Ribeiro de Lucena, junho 2011.



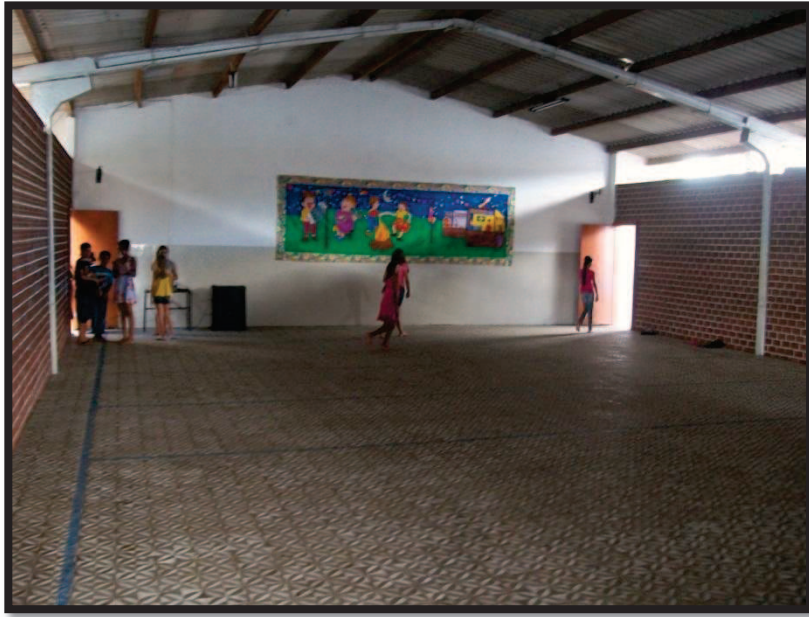


Figura 5: Auditório.  
Foto: Helaine Ribeiro de Lucena, junho 2011.

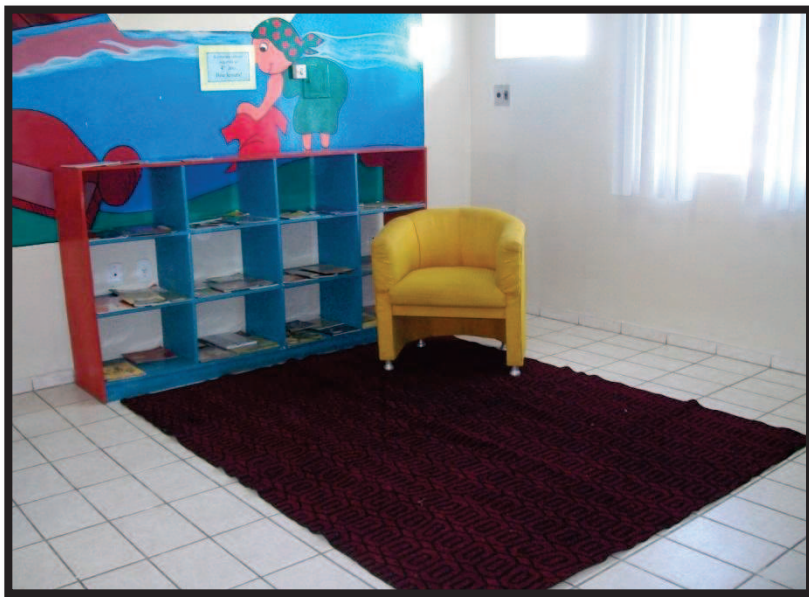


Figura 6: Biblioteca ou Sala de Leitura  
Foto: Helaine Ribeiro de Lucena, junho de 2011.



Figura 7: Biblioteca andante localizada na sala de leitura  
Foto: Helaine Ribeiro de Lucena, junho de 2011.

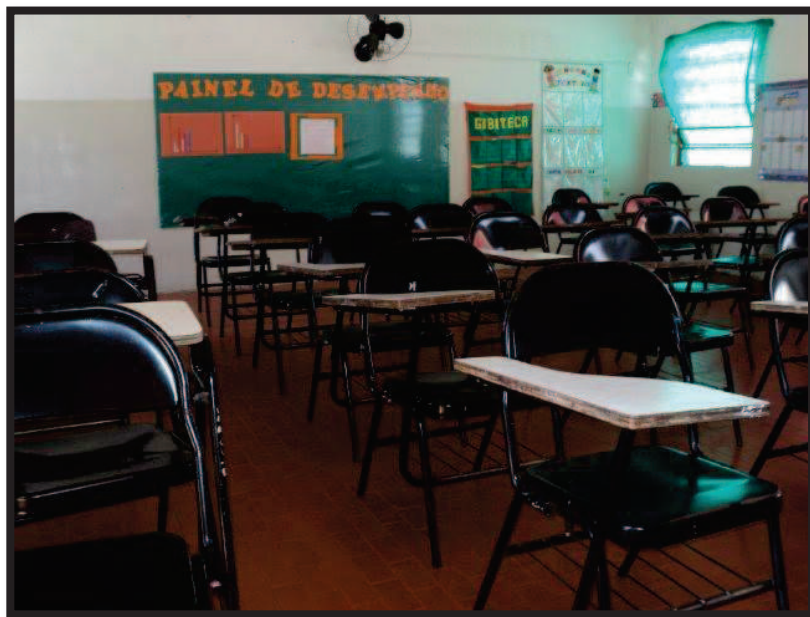


Figura 8: Sala de aula  
Foto: Helaine Ribeiro de Lucena, junho de 2011.



Figura 9: Sala de aula  
Foto: Helaine Ribeiro de Lucena, junho de 2011.

A escola em 2011 trabalhou com uma equipe de 21 professores e 14 funcionários, sendo destinados á organização de 665 alunos no total, estes por sua vez ficam subdivididos em Educação Infantil e Ensino Fundamental I.

A escola trabalha exclusivamente com funcionários da Prefeitura Municipal de Campina Grande-PB. E por realizar um trabalho com dinamismo e responsabilidade educacional, ganhou alguns prêmios e hoje é a Escola Pública melhor vista e procurada do bairro de Bodocongó.

## **4 O ENSINO DE GEOGRAFIA E SUA IMPORTÂNCIA NO 4º ANO DO FUNDAMENTAL I NA ESCOLA MANOEL FRANCISCO DA MOTTA**

Ao longo do estudo, foi possível observar as condições de ensino que a escola oferece para seus educandos e o suporte que a mesma disponibiliza para seus professores, ministrarem o ensino de Geografia. As verificações *in loco* contribuíram significativamente para realizar uma discussão sobre como ocorreu à formação do pedagogo, a satisfação quanto à mesma, à impressão que a Geografia causa nos discentes nos seus primeiros anos de formação educacional, se esta ciência está presente em seu dia-a-dia e qual o grau de preferência que a mesma desperta nos educandos.

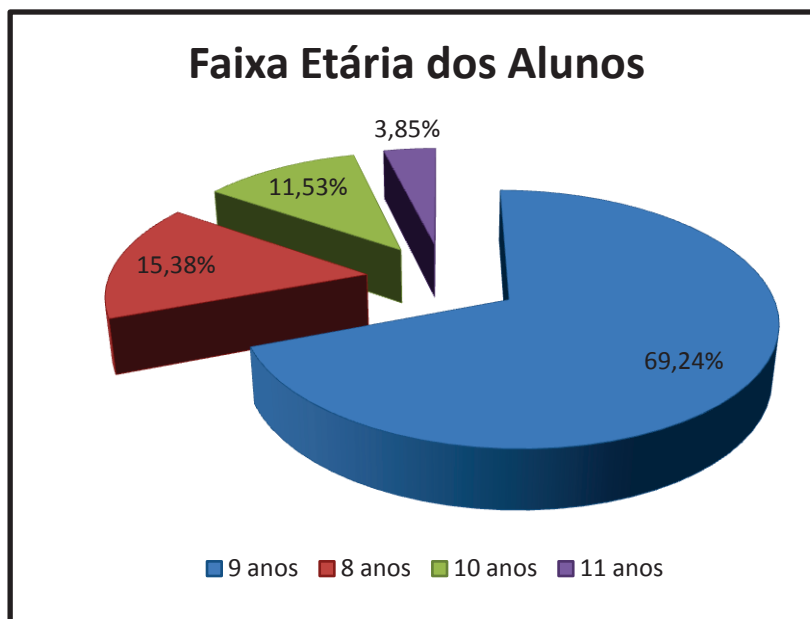
### **4.1- Resultados e discussões**

Conforme descrito anteriormente, foram utilizados na pesquisa questionários com 9 questões para os discentes, e entrevista contendo 15 questionamentos aos docentes. Para análise das respostas dos alunos, foram utilizados gráficos acompanhados de discussões, já para as professoras foram utilizadas análise em forma de texto, onde suas próprias respostas serão citadas como forma de comprovações. O método utilizado para análise foi predominantemente o método fenomenológico como também houve uso do método dialético.

Iniciando a análise pelos questionários aplicados aos discentes, verificou-se que as turmas são constituídas por: Turma “A” total de 26 alunos, sendo 10 meninas e 16 meninos. Já a turma “B” tem um total de 27 alunos, sendo 11 meninas e 16 meninos. O questionário foi aplicado aleatoriamente a cada 13 alunos das turmas “A” e “B” totalizando 26 alunos das duas turmas.

A questão de número 2 teve como objetivo verificar se havia distorção quanto à série/idade, demonstrado no gráfico abaixo:





Então, como se verifica no gráfico 1, a faixa etária para o 4º ano está entre 8 e 11 anos, ou seja, a idade está de acordo com os padrões do MEC. Desta forma, os docentes podem planejar as aulas com mais tranquilidade, pois tratam basicamente com turmas homogêneas.

Para identificar a satisfação dos discentes com relação à instituição de ensino a qual estão vinculadas, elaborou-se uma questão de múltipla escolha onde os alunos puderam opinar entre uma escala de ótimo a péssimo, conforme disposto no gráfico 2.



Gráfico 2. Nível de Satisfação em Relação à escola.  
Fonte: Pesquisa de Campo - 2011.

Apesar das escolas públicas brasileiras sofrerem com o estigma de propensão a uma educação reduzida, pelas respostas do alunado compreende-se, que praticamente 100% valorizam sua instituição, dentre um universo de 26 alunos, 25 avaliaram a escola como ótima e apenas 1 classificou-a como razoável. Este, porém, não soube explicar o porquê qualificava a instituição deste modo, entretanto os que classificaram como ótima expõem que, apesar das dificuldades tecnológicas e materiais, a escola sempre encontra formas de melhorar a qualidade de ensino, principalmente no âmbito da leitura.

Comprovando o empenho destes docentes, a escola em 2012 recebeu o prêmio do Instituto Camargo Correia e Alparagatas, como forma de reconhecimento dos esforços e ações executadas, recebeu ainda a biblioteca andante que pode se observada no capítulo anterior (figura 6) para ampliar ainda mais o trabalho já desenvolvido, a propulsora do projeto “Dia de Leitura” aplicado nesta escola, foi à professora Luzia Débora, que além de cumprir com sua carga horária obrigatória por ser concursada, ainda disponibiliza do seu tempo vago com trabalhos voluntários nesta instituição. Para homenageá-la a sala de leitura e biblioteca leva o seu nome.

Quanto à disciplina que mais gostam, o resultado está expresso do Gráfico 3, que segue:



Gráfico 3. Quanto à disciplina Favorita. Fonte: Pesquisa de Campo – 2011.

O resultado foi obtido utilizando-se as cinco principais disciplinas do Ensino Fundamental, e foi surpreendedor, pois a matemática que é tida como uma das maiores aversões pelo alunado, aqui foi totalmente contraposta, todavia que mais de 50% dos pesquisados escolheram-na como a favorita, e a justificativa desta escolha está diretamente ligada às professoras, pois elas utilizam jogos pedagógicos, o que desperta maior atenção e maior facilidade para compreensão dos assuntos trabalhados. Português e Geografia alcançaram a mesma porcentagem. Questionados porque para alguns a Geografia estava em primeiro lugar, à resposta foi que a disciplina é importante para o conhecimento do Planeta, com isso subtende-se que, a partir do maior compromisso dos pedagogos com a Geografia, mais alunos se identifiquem com essa disciplina.

Para saber se a Geografia é bem aceita pelos discentes, foi realizada uma questão de fácil compreensão, onde estes apenas responderiam “SIM” ou “NÃO”. O resultado pode ser analisado através dos percentuais do Gráfico 4 que segue:

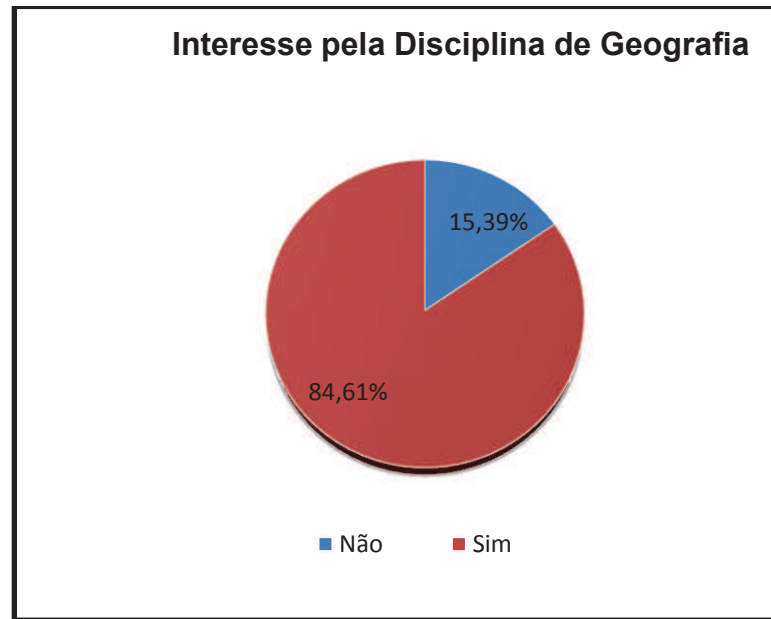


Gráfico 4. Interesse pela disciplina de Geografia.

Fonte: Pesquisa de Campo – 2011.

Pode-se verificar através do gráfico, que o alunado tem interesse pela Geografia, pois mais de 80% responderam que gostam da disciplina. O motivo da grande aprovação é que a Geografia é vista pelos alunos como a única disciplina que promove o conhecimento local. Na fala de alguns, foi possível entender que se a mesma for melhor trabalhada, o número de interessados pode aumentar. E cabe ao educador, em especial ao pedagogo, desenvolver este interesse demonstrando que a Geografia é tão importante quanto qualquer outra disciplina trabalhada.

Outra questão de real importância é a classificação das aulas de Geografia, visto que são ministradas por pedagogos, e estes profissionais não recebem uma formação específica, o resultado obtido encontra-se expresso no Gráfico 5:

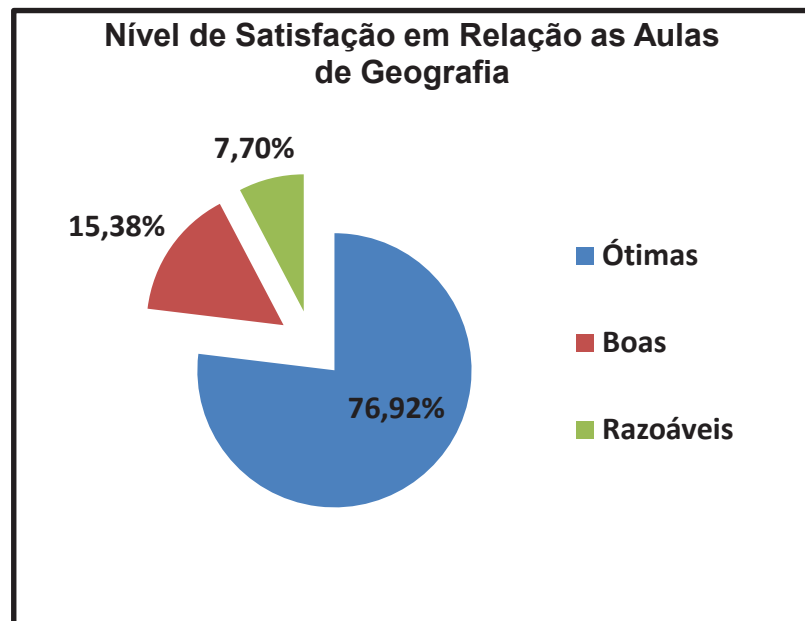


Gráfico 5. Nível de satisfação em relação às aulas de Geografia.  
Fonte: Pesquisa de Campo – 2011.

As aulas de Geografia foram classificadas: como ótimas, boas e razoáveis, o que se entende que apesar dos docentes não possuírem uma formação mais específica, as aulas são bem trabalhadas dentro das limitações que lhe foram impostas na sua formação. Uma das justificativas que mais foi citada pelo alunado é que as aulas de Geografia são ótimas porque proporcionam o conhecimento de lugares nunca antes visitados.

Essa afirmação demonstra que os mesmos têm uma visão limitada sobre os objetivos da Geografia, mas isso é consequência dos profissionais que infelizmente não tiveram uma qualificação mais específica. Piconez (2000, p.102) diante deste fato afirma que, [...] a formação do professor continua a ser um processo que, de um lado, se explica e se mantém pelo isolamento, pela fragmentação e, de outro pela atomização de determinados espaços. Essas práticas na formação dos professores deixam espaços vazios que muito provavelmente serão preenchidos.

No tocante ao ensino de Geografia é de total relevância descobrir se os discentes compreendem a importância da mesma para a sua formação como cidadãos. Não foi solicitado detalhes, mas que optassem por uma das seguintes opções, “SIM” ou “NÃO”. Satisfatoriamente, todos os discentes marcaram a opção “SIM”, ou seja, mesmo não tendo um conhecimento tão abrangente devido a estarem no primeiro ciclo do Fundamental I, os discentes compreendem que a Geografia transmite valores, que ela constrói a sua identidade. Como muitos

citaram, “a Geografia me ensina os direitos e os deveres que tenho na escola e na minha cidade”.

Partindo deste entendimento, o docente pode fazer utilização dos temas transversais, desenvolvendo trabalhos em grupo, sendo possível entender a importância da ética, do meio ambiente, da pluralidade cultural, dentre outros eixos temáticos, mas dando ênfase para o tema norteador, que é a ética, pois tudo parte deste princípio, ou seja, a construção de uma sociedade justa e solidária está diretamente ligada ao propósito educacional da Geografia, que é formar uma sociedade pensante, crítica e reflexiva.

Para justificar todos os questionamentos anteriores, buscou-se saber se os discentes detectavam a presença da Geografia em seu cotidiano. O efeito da questão será discutido de acordo com o gráfico 6:

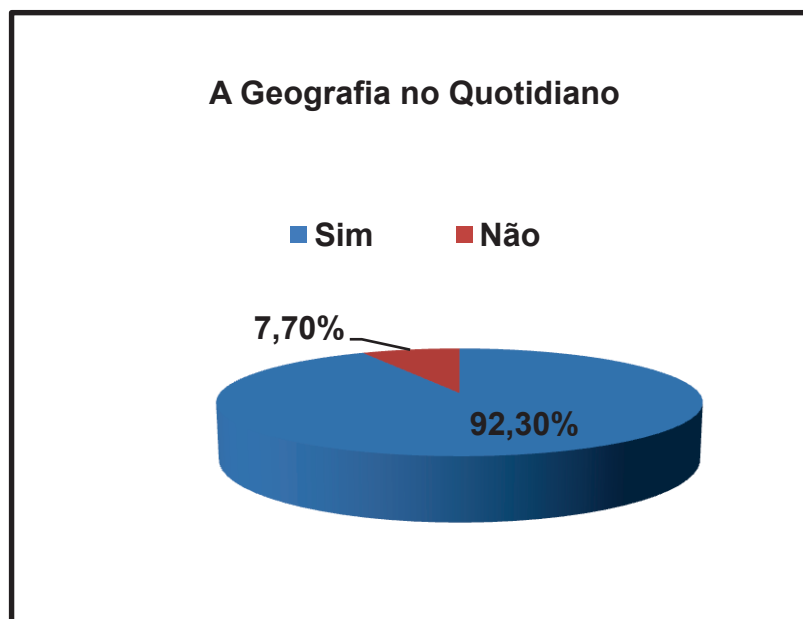


Gráfico 6. A percepção do aluno referente à Geografia no seu cotidiano.  
Fonte: Pesquisa de Campo – 2011.

Analisando o gráfico 6, entende-se que mais de 90% dos discentes, compreende a Geografia como uma disciplina presente em seu dia-a-dia, pois quando questionados de que forma ela se apresenta em suas vidas, a maioria referiu-se a sua localização, aos tipos de vegetação, as mudanças físicas que ocorrem no seu bairro, como também as mudanças em relação ao tempo.

O interessante é que, mesmo sem saberem, os discentes começam a entender as categorias geográficas que são a base para o entendimento da Geografia, pois direcionam duas das principais categorias, paisagem e lugar.

Neste sentido, verifica-se que a tendência dos educadores é buscar conhecimento do particular para o geral, pois a base para compreensão deve ser feita a partir da sua realidade, da sua vivência e a escola vem desempenhando bem este papel, trabalhando com as particularidades do bairro.

Como forma de interpretar o que os discentes conceituariam como Geografia, foi pedido que os mesmos realizassem desenhos sobre como entendiam esta disciplina. Conforme representação em anexo a este trabalho.

Nesse propósito, grande parte dos discentes fizeram mapas do Brasil e das regiões, além de casas, edifícios, bandeiras, pontos turísticos, natureza, pessoas, dentre outras imagens. O significado destes desenhos deu amplitude para a compreensão do que realmente estes entendem sobre a Geografia, pois o desenho infantil é a mensagem que a criança não consegue transmitir com palavras. Referindo-se a utilização de desenhos os PCN's enfatizam que:

Desenhar é uma maneira de se expressar característica desse segmento da escolaridade e um procedimento de registro utilizado pela própria Geografia. Além disso, é uma forma interessante de propor que os alunos comecem a utilizar mais objetivamente as noções de proporção, distância e direção, fundamentais para a compreensão e uso da linguagem cartográfica. (BRASIL. MEC, 1997, p.88)

A arte simbolizada por desenhos é importante, não só porque é uma forma de construir conhecimentos, mas porque é uma atividade que envolve a inteligência e influi na construção do conhecimento.

Nesse caso, concluí-se que os discentes pelos seus desenhos entendem que a Geografia é uma constante interação da sociedade com a natureza, pois é perceptível como os mesmos possuem noção sobre paisagem, lugar, região e território. Essas categorias foram as que mais ficaram nítidas nas transmissões dos seus desenhos. Sendo esta assertiva mais uma comprovação de que o pedagogo mesmo não tendo uma habilitação específica, faz-se do uso de diversos recursos para que os discentes compreendam a importância do que é observar, descrever e representar no estudo de Geografia.

Para a análise da perspectiva dos docentes, foram entrevistadas 2(duas) professoras, cada qual responsável por uma turma do 4º ano. Para facilitar a análise e identificação das respostas, serão utilizadas as letras **A** e **B**, para representar a professora responsável por sua turma, ou seja, Professora **A** e Professora **B**.

No que diz respeito à entrevista aplicada aos docentes da escola, verificou-se que suas graduações foram respectivamente realizadas em instituições públicas, ou seja, professora **A** na UFCG e professora **B** na UEPB.

Quando questionados se a graduação foi satisfatória, os docentes se dividiram nas suas respostas: a professora **A**, respondeu que não, visto que a grade curricular do seu período de formação necessitava de uma reforma, pois os componentes curriculares não contemplavam as reais necessidades da formação como docente. Entretanto a professora **B**, respondeu que foi satisfatória sim, já que a mesma lhe ofereceu subsídios teóricos e foi a responsável pelo seu desenvolvimento na prática pedagógica.

Diagnosticou-se também que ambos os docentes exercem a docência a mais de 8 anos, possuem especialização e encontram-se realizados com a escolha profissional pelo magistério, o que pode ser comprovado com a dedicação e empenho observados em sala de aula.

O compromisso e a vocação é algo essencial em qualquer profissão, e no magistério deve ser ainda maior, visto que estar-se trabalhando e desenvolvendo os futuros cidadãos. Neste aspecto, a responsabilidade do educador e da escola é de total relevância para a formação de uma sociedade consciente. De acordo com Salmaso e Fermi, observa-se que:

A escola é responsável pela promoção do desenvolvimento do cidadão, no sentido pleno da palavra. Então, cabe a ela definir-se pelo tipo de cidadão que deseja formar, de acordo com a sua visão de sociedade. Cabe-lhe também a incumbência de definir as mudanças que julga necessário fazer nessa sociedade, através das mãos do cidadão que irá formar. (SALMASO, et.al, 2007, p.1)

Sabe-se que não é tarefa fácil o processo educacional de alunos, mas com empenho, compromisso e união, a escola e seus educadores podem transpor as barreiras que dificultam a transformação social conseguindo, assim, formar cidadãos críticos, conscientes e reflexivos quanto ao real valor que a sociedade possui no seu espaço.

Questionados se o curso de pedagogia os preparou para lecionar Geografia, ambas, ou seja, as professoras **A** e **B**, responderam que não, pois a licenciatura em Pedagogia oferece apenas uma iniciação ao estudo dos componentes específicos, visto que a duração do curso não é suficiente para o aprofundamento de cada



disciplina. Sendo assim, verifica-se que o empenho destes profissionais está no seu compromisso como educadoras, como é possível verificar nas seguintes respostas:

Professora **A**: *“O preparo que tenho, e que procuro ter, vêm do meu prazer pela educação, pela Geografia e dos esforços próprios que disponho para exercer meu trabalho com excelência, como também as trocas de conhecimentos com os colegas de trabalho.”*

Professora **B**: *“Cabe ao pedagogo buscar recursos e estudar particularmente para aprofundar e aperfeiçoar o que é trabalhado na universidade. [...] minha preparação não foi completa, mas obtive orientações significativas.”*

Portanto, percebe-se que a formação do pedagogo deixa grandes espaços abertos, pois não aborda detalhadamente cada disciplina que este profissional irá trabalhar, com isso cabe a este educador buscar formas de ampliar seu conhecimento, o que é extremamente necessário para todo profissional da educação.

Com relação à abordagem da Geografia dentro do curso de Pedagogia, foi indagado se os componentes curriculares que trabalharam a mesma foram suficientes para que os professores conseguissem ministrar aulas. Ambas as professoras disseram que não, mas que não foi só a Geografia que sofreu com esta falta de detalhamento, todas as ciências ficaram apenas superficialmente trabalhadas. Como afirma a professora **B**: *“O de nenhuma ciência foi suficiente, porque a prática é muito complexa, a necessidade de todo licenciado deve ser suprida com a constante pesquisa, pois a graduação é um estudo inicial e não final em nossa formação”.*

Em relação a esta deficiência nos cursos de graduação e, simultaneamente, as dificuldades dos docentes para vivência da profissão, a AGB salienta que:

Além do problema do conteúdo específico, entendemos que a formação do professor do Ensino Fundamental não leva em conta a ação psicopedagógica que o capacite a compreender sua prática, a aprendizagem dos alunos e as contradições vivenciadas por ele no dia-a-dia. (1999, p.56)

A respeito da quantidade de horas que a Geografia é trabalhada semanalmente, ambas as professoras disseram não ter um tempo determinado, primeiro porque não possuem suas especificidades nesta ciência e segundo porque o tempo varia de acordo com as dificuldades de compreensão pelos discentes.

Podendo ser explicado quando as mesmas citam que não há dificuldades para se trabalhar com a Geografia, entretanto a falta de alguns materiais na escola provoca maiores entraves. Contudo as docentes afirmam que, apesar das limitações que a Escola Pública possui, estas não deixam de realizar um trabalho com êxito.

Sabe-se que a utilização de recursos didáticos é indispensável para despertar o interesse dos alunos pelos estudos. Com este objetivo, verificou-se que a escola os disponibiliza, e que seus professores fazem uso destes. As professoras **A** e **B** afirmaram que utilizam todos os recursos referentes à Geografia disponíveis na instituição, como: mapas, globos, livros didáticos, inclusive o espaço físico, que é bastante favorável devido à grande diversidade de plantas. A utilização do próprio espaço local pelo educador promove ao discente a percepção de como a sociedade é responsável pelas modificações sociais e físicas, pois ele começa a entender e visualizar através do seu cotidiano. Com este intuito, as professoras **A** e **B** em parceria com a professora responsável pela sala de leitura, desenvolveram uma amostra pedagógica onde o objetivo era apresentar a História de Campina Grande. Houve um grande interesse por parte dos alunos, visto que estes compreenderam a importância da cidade através das imagens e fotos antigas.

Para justificar sobre o que as docentes entendem por Geografia, foi pedido que cada uma, a sua maneira, conceituasse esta ciência. As respostas foram às seguintes:

Professora **A**: *“É a ciência responsável pelo estudo dos mapas, das características geográficas de determinado lugar da terra e de seus fenômenos.”*

Professora **B**: *“Na minha compreensão pessoal, sem conceitos formulados em livros, a Geografia se relaciona com o espaço, a maneira como este é visto, organizado, distribuído, habitado e preservado.”*

Analisando as respostas das professoras, verificam-se traços de uma educação tradicional e certa limitação quanto ao que se realmente é objeto de estudo da Geografia na resposta da professora **A**, todavia na resposta da professora **B**, verificou-se um entendimento mais crítico sobre a Geografia, pois a mesma compreende que a sociedade está diretamente ligada ao espaço, já que este é quem o organiza, modifica e habita.

Aqui, explicitando sobre a relevância da Geografia no fundamental I, diagnosticou-se que a criticidade do aluno é mediada pelo professor, ou seja, a responsabilidade da formação crítica inicial destes cidadãos é do pedagogo. Sendo

assim, apresentam-se abaixo as opiniões das docentes quanto à importância do seu trabalho na formação de cidadãos críticos:

Professora **A**: *“Entendo meu trabalho como importante para a formação dos meus alunos, por proporcionar aos mesmos trocas de experiências, diálogos, buscando levá-los a compreensão de seu papel na sociedade e a pensar e exprimir opiniões sobre ela.”*

Professora **B**: *“Uma grande importância; todo professor (educador) é um formador de opiniões, se trabalharmos objetivando uma consciência crítica em nossos alunos, começando pelo nosso exemplo, teremos cidadãos mais conscientes em nossa sociedade. Pois com a crítica formulamos observações e a partir destas, refletimos sobre nossos conceitos, valores, abrimos espaços para discussões e idéias de transformações, aperfeiçoamento ou conservação do que vale a pena ser conservado.”*

É certo que a educação é um processo necessário ao ser humano, e que através dela encontra-se inúmeras possibilidades para ampliar o conhecimento que está em constante modificação, e a ciência geográfica é a uma das grandes aliadas no processo educacional, pois tem como um dos seus objetivos formar alunos éticos. CAVALCANTI considera que:

A finalidade de ensinar Geografia para crianças e jovens deve ser justamente a de os ajudar a formar raciocínios e concepções mais articulados e aprofundados a respeito do espaço. Trata-se de possibilitar aos alunos a prática de pensar os fatos e acontecimentos enquanto constituídos de múltiplos determinantes; de pensar os fatos e acontecimentos enquanto constituídos de múltiplos determinantes; de pensar os fatos e acontecimentos mediante várias explicações, dependendo da conjugação desses determinantes, entre os quais se encontra o espacial. A participação de crianças e jovens na vida adulta seja no trabalho, no bairro em que moram, no lazer, nos espaços de prática política explícita, certamente será de melhor qualidade se estes conseguirem pensar sobre seu espaço de forma mais abrangente e crítica. (2007, p.24)

De um modo geral, verificou-se que o pedagogo dentro das suas limitações exerce a docência com comprometimento e tentam suprir suas próprias limitações, estudando e pesquisando constantemente, para suprir as dificuldades e proporcionar uma melhor forma de exposição de aulas.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como é observado à educação e o ensino de Geografia modificou-se ao longo das décadas. Com a chegada e inserção da Geografia Crítica nas instituições, foi possível verificar um melhor desempenho do aluno sobre a importância de se estudar Geografia.

A necessidade de lecionar uma ciência dinâmica provoca algumas distorções sobre o que realmente é necessário. Portanto, é imprescindível que os docentes que lecionam esta disciplina tenham uma formação crítica, visto que transmitirão os conhecimentos a partir do seu ponto de vista.

O que se observou na Escola Manoel Francisco Da Motta é que, mesmo a Geografia não sendo lecionada por profissionais específicos da mesma, já que os responsáveis pela educação infantil são os pedagogos, a Geografia está sendo bem aceita tanto pelos alunos quanto pelos docentes da instituição.

Mesmo a pesquisa tendo confirmado a deficiência na formação pedagógica deste educador, percebe-se que o compromisso com o magistério o fazem buscar maiores e mais profundos conhecimentos sobre a Geografia, ou seja, existe sim uma preocupação com a melhoria do processo educacional, e com o empenho dos alunos no campo do conhecimento. Esta preocupação é vista tanto dentro da sala de aula quanto fora dela, pois estes ainda encontram tempo para desenvolver projetos culturais.

Outro fator importante foi identificar que existe um grande interesse dos discentes pela Geografia. E que, mesmo estes não tendo esta ciência como a preferida sabem da sua importância e da sua presença no dia-a-dia. Poder ouvir as crianças afirmando que a Geografia os ajuda a pensar, faz a pesquisa compreender que a formação e a graduação são relevantes, mas o compromisso com o magistério, este sim, proporciona resultados surpreendentes.

Portanto, fica evidenciado que a análise proposta por este trabalho era mostrar a dificuldade que o pedagogo tem com relação à transmissão da Geografia, o que ficou desmistificado em partes, pois se a graduação não os preparou para lecionar Geografia, o interesse despertou a necessidade de conhecer melhor esta ciência.

## REFERÊNCIAS

ANDRADE, Manuel Correia. **Geografia Ciência da Sociedade: uma introdução do pensamento Geográfico**. São Paulo: Atlas, 1987.

BRASIL. **Secretaria de educação Fundamental. Parâmetros Curriculares Nacionais: história e geografia**. Brasília: MEC/SEF, 1997.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. **A Geografia na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 2004.

CARVALHO, Delgado de. **Methodologia do Ensino Geographico: introdução aos estudos de Geografia moderna**. Typographia das Vozes de Petrópolis – Petrópolis, 1925.

CASTELLAR, Sonia Maria V. A formação de professores e o ensino de Geografia. **In: Publicação semestral da Associação dos Geógrafos Brasileiros**. As transformações no mundo da educação: Geografia, ensino e responsabilidade social. Nº14. Terra Livre, 1999.

CAVALCANTI, Lana de Souza. **Geografia e Práticas de Ensino**. Goiânia, GO: Alternativa, 2002.

\_\_\_\_\_. **Geografia, escola e construções de conhecimentos**. Campinas, SP: Papirus Editora, 2007.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 7ª Ed., São Paulo: Paz e Terra, 1996. (Coleção leitura)

GADOTTI, Moacir. **Concepção dialética da educação: um estudo introdutório**. 11ª Ed. São Paulo: Cortez, 2000.

GIL, Antonio Carlos. Os métodos das ciências sociais. **In:\_\_\_\_\_**. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. 4ª Ed., São Paulo: Atlas 1994, p.27-41.

MOREIRA, Ruy. **O que é Geografia**. São Paulo: Brasiliense, 2007. (Coleção primeiros passos; 48)

OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino de. **In: Para onde vai o ensino de Geografia?** 3ª Ed. São Paulo: Contexto, 1991.

\_\_\_\_\_, Delegado de Carvalho e a orientação moderna no ensino da Geografia escolar brasileira. Redebrasilis. **Terra Brasilis**, nº1, jan/jun, 2000.

PASSINI, Elza Yasuko; Romão Passini; Sandra T. Malysz. **Prática de ensino de Geografia e estágio supervisionado**. São Paulo: Contexto, 2007.

PICONEZ, Stella C. Bertholo (coord.). **A prática de ensino e o estágio supervisionado**. Campinas, São Paulo: Papirus, 2000.

PRADO JUNIOR, Caio. **Evolução política do Brasil e outros estados**. São Paulo: Brasiliense, 1961.

PREFEITURA MUNICIPAL DE CAMPINA GRANDE-PMCG. **Mapa do Bairro de Bodocongó**. SEPLAN: Secretaria de Planejamento, 2007.

RESGATE HISTÓRICO. Setor administrativo – FIEP: **Fundação das Indústrias do estado da Paraíba**. Campina Grande, 2011.

ROCHA, Genylton O. Rêgo da. Uma breve história da formação do professor de Geografia no Brasil. São Paulo. **In: Publicação da Associação dos Geógrafos Brasileiros. Terra Livre**, 2000 nº15.

RODRIGUES, Alberto Tosi. **Sociologia da Educação**. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

SALMASO, José Luis; Raquel Maria Bortoni Fermi. **Projeto Político Pedagógico: uma perspectiva de identidade no exercício da cidadania**. Disponível em: <<http://WWW.cefetesp.br/edu/sinergia/4p32c.html>>. Acesso em: 29 de novembro de 2008.

VLACH, Vânia R. Farias. O ensino de Geografia no Brasil: Uma perspectiva histórica. **In: Vesentini, J.W. (Org). O ensino de Geografia no século XXI**. Campinas: Papirus, 2004, p.187-217.

**APÊNDICE I****MODELO DE QUESTIONÁRIO APLICADO AOS ALUNOS**

- 1- Coloque suas iniciais: \_\_\_\_\_
- 2- Qual a sua idade? \_\_\_\_\_
- 3- Em sua opinião, o ensino da instituição de ensino em que você estuda é:  
( )ótimo ( )bom ( )razoável ( )ruim ( )péssimo
- 4- Qual disciplina escolar você mais gosta:  
( ) Português ( ) Matemática ( ) História ( ) Ciências ( ) Geografia
- 5- Você gosta de Geografia:  
( ) Sim ( ) Não
- 6- Como você classificaria as aulas de geografia:  
( ) ótimas ( ) boas ( ) razoáveis ( ) ruins ( ) péssimas
- 7- A geografia é importante na sua formação como cidadão:  
( ) Sim ( ) Não
- 8- Você concorda que a geografia esta presente no seu dia-a-dia:  
( ) Sim ( ) Não
- 9- Faça um desenho que represente a Geografia para você.

## APÊNDICE II

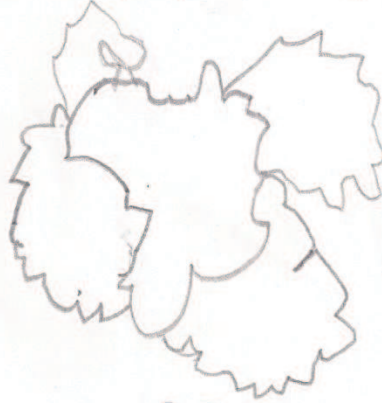
### MODELO DE QUESTIONÁRIO APLICADO AOS PROFESSORES

- 1- Coloque suas iniciais: \_\_\_\_\_
- 2- Qual a sua idade? \_\_\_\_\_
- 3- Em qual instituição você se graduou?
- 4- Sua graduação foi satisfatória? Por quê?  
( ) Sim ( ) Não
- 5- Há quanto tempo exerce a docência?  
( ) 1 ano ( ) 2 anos ( ) 3 anos ( ) 4 anos ou mais
- 6- Quanto a sua formação você possui:  
( ) formação normal ( ) apenas graduação ( ) especialização  
( ) mestrado ( ) doutorado
- 7- Você está realizado com sua escolha profissional?  
( ) Sim ( ) Não
- 8- O curso de pedagogia o preparou para lecionar geografia?
- 9- Você acredita que os componentes curriculares que abordaram a ciência geográfica na sua formação foram suficientes para que você ministrasse aulas de geografia?
- 10- Semanalmente quantas horas aulas são voltadas para geografia?
- 11- Se existir, qual a sua maior dificuldade em trabalhar com a geografia?
- 12- A escola disponibiliza recursos didáticos? Quais?
- 13- Como professor você os utiliza nas suas aulas?  
( ) Sim ( ) Não
- 14- O que você entende por geografia?
- 15- Em sua opinião qual a importância do seu trabalho na formação de cidadãos críticos?



ANEXOS  
(A Geografia vista por crianças entre 8 e 11 anos)

1- Faça um desenho que represente a Geografia para você.



Mapa.



Brasil.



comunidade.



Terre.

Iniciais: B. B. N. J. Idade: 9 anos

1- Faça um desenho que represente a Geografia para você.



Iniciais: G. S. S. Idade: 9 anos

1- Faça um desenho que represente a Geografia para você.



Iniciais: E.F.B.C.d.S. Idade: 9 anos



1- Faça um desenho que represente a Geografia para você.

PAISAGEM



PLANETA



CIDADE



Gabriel da Silva Santos

PLANETATERRA



BRASIL



NOR OESTE



NOR OESTE

SUDESTE

SUL

PARAÍBA



IMAGEM NATURAL

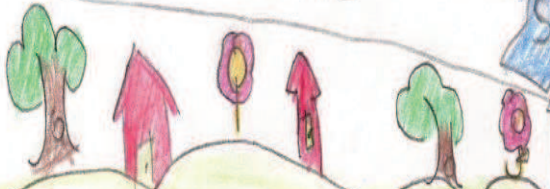


IMAGEM NATURAL



IMAGEM MODIFICADA





